

Geografia da Diversidade: Breve Análise das Territorialidades Homossexuais no Rio de Janeiro

Geography of Diversity: A Brief Analysis of Homosexual Territorialities in Rio de Janeiro

Rafael Chaves Vasconcelos Barreto

Escola Nacional de Ciências Estatísticas – ENCE/IBGE

rcvbarreto@ig.com.br

Resumo

Percebemos a importância de se discutir temas como: o respeito às diferenças e à diversidade sexual. Nesse sentido, o presente trabalho vem tratar dessa questão, trazendo a contribuição da Geografia, discutindo conceitos de espaço, território e territorialidade, bem como a relação destes com o grupo em questão. Verificamos que inúmeros territórios e territorialidades surgem no espaço, variando de acordo com a escala e com os atores responsáveis pelo controle do mesmo. Nesse sentido, verificaremos como os homossexuais, enquanto grupo, dotado de identidade própria, são capazes de formar territórios e territorialidades em escala local. Procuraremos deixar uma reflexão sobre essa questão, a fim de refletirmos sobre o preconceito que ainda existe em nossa sociedade, em relação a esse grupo.

Palavras-Chave: Território; Identidade; Homossexualidade.

Abstract

We realize the importance of discussing issues such as respect for differences and sexual diversity. In that sense, this work is addressed to this issue, bringing the geography contribution in discussing concepts like space, territory and territoriality, and their relation with the group in question. We found that many territories and territorialities occur in space, varying according to the scale, and to the actors responsible for control it. Accordingly, we verify how the homosexuals as a group, with its own identity, are able to form territories and territorialities in a local scale. We also aim to raise a reflection on this issue, in order to ponder on the prejudice that still exists in our society in relation to that group.

Keywords: Territory; Identity; Homosexuality.



Introdução

Nos dias atuais, o tema da diversidade sexual vem sendo muito debatido nos meios de comunicação, no entanto pouco tratado na academia. É possível perceber algumas discussões, sobre o tema, em alguns estudos de caráter antropológico, ou ligados a área de gênero e sexualidade. No entanto, a Geografia também pode dar sua contribuição nesse tema, ligando a questão de gênero à produção do espaço e da formação de territórios, que foi o principal objetivo desse estudo.

Ao estudar o espaço, no âmbito da Geografia, é possível perceber que ele pode ser entendido de diversas formas e em diversos contextos, variando de acordo com os processos que envolvem as formas de produção do espaço, bem como a existência de atores que podem exercer alguma influência sobre ele.

Nesse sentido, o presente estudo tem como intenção discutir e entender como determinados atores se apropriam do espaço, que nesse caso são representados por um grupo específico, atuando sobre o espaço, delimitando territórios, em escala local e no âmbito cultural, imprimindo nesses territórios sua identidade através de uma relação simbólica de poder.

Será possível, ainda perceber a importância da questão da identidade como elemento de aglutinação de um grupo, a ponto de conseguir formar territórios, os quais serão caracterizados, tomando formas e características a partir dessa identidade.

Para tanto, será feita uma breve discussão sobre a questão do espaço, como elemento chave, entendido também, segundo Raffestin (1993, p. 143) como “matéria prima”, “preexistente a qualquer ação e local de possibilidades”. Serão tratados, ainda, conceitos como o de região, e de território, entendendo, seguindo a visão de Raffestin (1993), a formação dos mesmos a partir do espaço, verificando que eles podem variar de acordo com a escala de análise, do planejamento, sendo no entanto, dois exemplos distintos de apropriação do espaço. Porém, o presente trabalho dará um enfoque especial à questão da formação, em escala local, de territórios e de territorialidades, tendo, como exemplo, os territórios de convivência homossexuais.

Conforme dito anteriormente, o grupo que será abordado nesse trabalho, sendo usado, como exemplo, para desenvolver esses conceitos acima citados, serão os homossexuais. Esse grupo foi escolhido devido à visibilidade que sua identidade vem ganhando na sociedade, bem como a capacidade que vem demonstrando em delimitar territórios numa escala local, intra-urbana, sendo possível observar a ocupação desses territórios e a implantação de signos ligados a essa identidade nesses territórios, que atuam contribuindo para manutenção, tomando esses locais visíveis, em conjunto, servindo como elementos de aglutinação desses indivíduos em torno de sua identidade.

No entanto, faremos uma breve análise desse grupo para entendermos um pouco de sua realidade, bem como das lutas e conflitos que esses indivíduos enfrentam na sociedade e que acabam por refletir e até mesmo justificar a existência desses territórios, que surgem como uma forma que esse grupo

encontra de fugir de conflitos ligados ao preconceito. Dentre alguns conflitos existentes podemos citar o impedimento que muitos desses indivíduos enfrentam para exercer de forma plena sua identidade, não podendo expor ou assumir sua homossexualidade em determinados locais com medo de represálias ou mesmo de agressões.

O objetivo desse trabalho portanto, será além de entendermos alguns conceitos da Geografia, fundamentais como espaço, território e territorialidade, refletir sobre a questão da identidade e do preconceito que determinadas identidades sofrem, trazendo essa questão para discussão, a fim de verificar como o território pode atuar como um local de convivência e socialização e, ao mesmo tempo, servir como forma de segregação de um determinado grupo em relação à sociedade.

Território como Critério de Análise

A partir de agora será feita uma discussão a cerca do conceito de território, na tentativa de entender sua formação, bem como sua ligação com outros conceitos para, a partir disso, podermos entender o que acontece na prática com os territórios de convivência homossexual, nosso objeto de estudo.

Para entendermos território, partiremos de uma conceituação dada por Raffestin (1993), mais abrangente, que irá definir território de forma mais ampla, como sendo formado a partir do espaço, sendo possível conferir em suas palavras da seguinte forma:

O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator territorializa o espaço (RAFFESTIN, 1993, p. 143).

O trecho acima, transcreve uma passagem onde Raffestin começa a definir território, citando para isso conceitos importantes como o de espaço, além de ressaltar a presença do que ele chama de “ator sintagmático” na formação do território.

O autor nos mostra ainda, em seguida, alguns territórios, como o território nacional, por exemplo, sendo ele uma produção feita a partir de um espaço, transformado pelas redes, circuitos e fluxos que ali se instalam. É importante, no entanto, partindo do que foi falado, tentar entender o espaço, embora alguns autores, como Milton Santos, afirmem ser uma tarefa extremamente difícil de ser feita, porém importante para que esses conceitos não se confundam.

Nesse sentido, Santos (2002) dá sua contribuição no entendimento do espaço, colocando-o como uma categoria histórica, entendendo-o como sendo:

(...) um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças

cuja aceleração é desigual (SANTOS, 2002, p. 153).

Limonad (2004) apresenta ainda uma visão complementar a cerca do espaço, ao dizer que ele pressupõe uma concepção de tempo, de processo histórico, podendo ser entendido enquanto:

(...) um entremeadado de fluxos e processos, que coexistem espaço-temporalmente e tendem a se tornar hegemônicos em determinados momentos e espaços, condicionados e propiciados pelas circunstâncias e práticas sociais (LIMONAD, 2004, p. 53).

Partiremos, dessas visões de espaço para entender a formação do território como sendo resultado de uma produção a partir do espaço.

É importante ressaltar, que além dos territórios, podemos entender também a região como uma produção a partir do espaço, dada de forma diferente da que resulta no território. Segundo Limonad a região é: “uma construção social que atende a interesses políticos precisos, mesmo em se tratando de uma região funcional, ou da região natural” (LIMONAD, 2004, p. 57). Porém, o conceito de região não será aprofundado nesse trabalho, sendo usado somente para ajudar na distinção deste em relação a outros conceitos.

Vemos, portanto, que ambos os conceitos envolvem relações sociais, sendo importante não confundirmos esses conceitos. Nesse sentido, cabe ressaltar que tanto o território como a região são construções feitas a partir do espaço, porém através da definição de alguns autores, como Souza (1995, p. 78), temos o território como “um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”. Dessa forma verificamos que será a relação de poder sobre o espaço que irá diferenciar o território dos outros conceitos acima citados.

É importante verificar ainda, as contribuições dadas por Claval (1999) nesse debate. Esse autor nos diz que a ideia de território está ligada à de controle, à de soberania. Nesse sentido, Claval, apresenta ideias ligadas a Sack (1986 apud CLAVAL, 1999), onde ele afirma que o território nasceria de estratégias de controle necessárias a vida social, ressaltando ainda a ideia de territorialidade.

Na mesma linha, vemos que o território pode ser entendido, segundo Souza, como (des) construído nas mais diversas escalas, desde a local até a global, passando pela nacional, escala que muitos autores afirmam estar passando por uma crise, como afirma Souza Santos apud Araujo (2007) ao dizer que “...o espaço-tempo nacional estatal está perdendo a primazia, convulsionado pela importância crescente dos espaços-tempo global e local que com ele competem” (SOUZA SANTOS, 1999, p. 42-43 apud ARAUJO, 2007, p. 34).

Podemos perceber ainda a interferência que exercem os atores e agentes sociais, independente da escala, atuando na formação territorial, onde Limonad (2004) irá caracterizá-los como sendo um DNA territorial, podendo esse DNA ser desde a população de um determinado país, até os homossexuais que delimitam e compartilham de um determinado espaço, ou seja, de grupos, independente da escala analisada. Nesse sentido, vemos a contribuição dada por Brunet apud

Claval que se aproxima do que foi abordado:

O território diz respeito à projeção sobre um espaço determinado de estruturas específicas de um grupo humano [o DNA territorial] que inclui a maneira de repartição e, gestão ou ordenamento desse espaço (BRUNET et al., 1992, p. 436 apud CLAVAL, 1999, p. 9).

Souza (1995) complementa a discussão mostrando que o espaço é apropriado, ocupado por um grupo social, delimitando o território em diversas escalas e de diferentes modos. Portanto, ainda segundo o autor, a ocupação desse território é vista como algo gerador de raízes e identidade, onde em determinado momento esse grupo não poderá mais ser compreendido sem o seu território. Com isso, o autor acrescenta à discussão, a importância da identidade na construção territorial. Para Souza (1995, p.87), os territórios se apresentam como “relações sociais projetadas no espaço”, sendo que ele ressalta também, a importância da territorialidade, que seria “aquilo que faz de qualquer território um território” (Idem, p. 99).

Nesse sentido, Damiani (2002) nos mostra a territorialidade como uma apropriação crítica, podendo ou não se resultar numa apropriação espacial, ou seja, em um território. A autora, define territorialidade como ações resultantes de movimentos de reivindicação, sendo configuradas como territorialidades, áreas cuja gênese é a exclusão. Essas territorialidades são mostradas também por Souza (1995), ao tratar das territorialidades cíclicas, que delimitam territórios por um dado período de tempo, como os pontos de travestis e prostitutas que aparecem fazendo trottoir, numa determinada avenida durante um período de tempo ao dia, entre outros exemplos. Veremos mais adiante como os homossexuais podem delimitar territórios e territorialidades.

Com essa breve explanação, é possível então compreender o território como construído a partir do espaço e formado a partir de territorialidades, caracterizado ainda por uma relação de poder exercida por determinados atores sobre um determinado espaço, podendo ser construído em diversas escalas e dotado de identidade. Partindo disso, o passo seguinte desse trabalho será entender a formação dos territórios de convivência LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros) que vêm sendo formados nos mais diversos locais, sendo cada vez mais visíveis no cotidiano da nossa sociedade.

A Identidade Gay e os Territórios de Convivência LGBT

A partir desse momento, enfocaremos a formação de territórios e territorialidades voltando-se, especificamente, para o que chamaremos aqui, como territórios de convivência LGBTs. Para tratar desse tipo de território é importante entender a questão da identidade, como ela é construída e se manifesta nesse grupo específico e como ela é percebida pelos indivíduos.

Cada indivíduo possui na sua formação, enquanto sujeito social, uma série de identidades, que são formadas por diversos fatores, podendo variar desde sua formação a partir de fatores biológicos, étnicos e culturais, ou de escolhas indivi-

duais, regionalismos, entre outros. Nesse sentido, a identidade aparece na visão de Claval (1999) como uma construção cultural. Ressaltando, que essa(s) identidade(s) irão definir o indivíduo.

Entendendo que essa série de identidades compõe o sujeito e tendo em mente que o homem é um ser social, ele procura na sociedade pelos seus semelhantes, a fim de partilhar e vivenciar sua identidade com o outro, o que Michel Maffesoli (1995) chama de 'ressurgimento comunitário', do estar-junto de seu semelhante.

No caso da formação de uma identidade homossexual existem alguns fatores que devem ser levados em consideração como o preconceito, que faz com que muitos indivíduos não exerçam de forma plena a sua identidade, vivendo 'no armário', pois a vivência plena dessa identidade acarretaria problemas ao exercer suas outras identidades, ou seja, na sua vida em sociedade, por haver conflitos entre essas identidades variando de acordo com o meio em que este indivíduo se encontra.

Cabe ressaltar, que dentro ou fora 'do armário', o indivíduo vive um processo de auto-reconhecimento de suas identidades e procura vivenciar com o outro suas angústias e suas identidades, através de um processo de identificação com o seu semelhante e no qual ele procura ser visto, ser 'encontrado' por esse semelhante, tendo como estratégia o uso do campo simbólico, como explicita Kathryn Woodward (2000) em seu texto:

Existe, assim, um contínuo processo de identificação, no qual buscamos criar alguma compreensão sobre nós próprios por meio de campos simbólicos e nos identificar com as formas pelas quais somos vistos por outros (WOODWARD, 2000, p.64).

Vemos ainda, a importância dos símbolos na construção da identidade também na fala de Claval (1999), onde ele afirma que os símbolos seriam responsáveis em definir o indivíduo e/ou um grupo, que procuraria sua identificação através de objetos, roupas, bem como costumes e valores, além do estilo de vida que esse indivíduo e/ou esse grupo levam. Essa simbologia pode ser inerente à pessoa, criada a partir do coletivo ou até mesmo construída, incentivada e/ou mostrada pela mídia, pois segundo Maffesoli (1995) 'a mídia atua como espelho dos diversos narcisismos coletivos'.

A identidade homossexual possui um campo simbólico que vem se tornando cada vez mais visível no nosso dia-a-dia. Porém, alguns autores ressaltam a existência de um campo simbólico ligado a essa identidade já no início do século, caracterizada, por exemplo, pela forma de abordagem e pela vestimenta, como nos revela Green (2000):

(...) no início do século, passivos usavam paletós muito curtos, lenço de seda pendente do bolso, calças muito justas, desenhando bem as formas das coxas e das nádegas. Dirigiam-se aos transeuntes pedindo fogo para acender o cigarro, com voz adocicada (...) (GREEN, 2000, p. 86).

De forma semelhante, se apresenta a identidade

homossexual nos dias atuais, através de seus símbolos cada vez mais evidentes no nosso dia-a-dia, como a bandeira do arco-íris, além do modo de falar característico e uso de gírias próprias, bem como o modo de se vestir e até mesmo gostos musicais predominantes.

Ressalta-se, a crítica de alguns autores à chamada 'normatização da sociedade', ou uma alienação dessa sociedade, como mostra Agnes Heller apud Costa e Heidrich (2007) ao definir como 'homem particular' o sujeito que se mostra, segundo o autor, como "fragmento alienado da sociedade que reproduz", ou então, fazendo uma ligação da moda ao consumo. Nesse sentido, temos a crítica de Henri Lefebvre, apud Costa e Heidrich (2007), dizendo que:

(...) a alienação torna-se fundamento da impossibilidade de grande parte das atividades humanas reconhecerem seus processos de totalização e essa incapacidade é gerada pela separação completa do trabalho e da obra humana, ou seja, o trabalho se transforma em labor à medida que é trocado por salário e à medida que as atividades humanas tendem a se envolver em fetiches econômicos e consumistas (LEFEBVRE, 1958 apud COSTA & HEIDRICH, 2007).

No entanto, no estudo das identidades coletivas, essa padronização do grupo ou tendência a um padrão de estilo, ao invés de ser considerada como uma alienação pode ser vista como uma estratégia de luta, principalmente no caso de grupos que sofrem discriminação, como o caso dos negros e dos homossexuais, que se utilizam desses meios simbólicos como forma de se afirmarem, enquanto grupo, perante a sociedade.

Portanto, é importante compreender que esses grupos identitários também apresentam um comportamento espaço-territorial, expresso através de territorialidades ou mesmo de territórios propriamente ditos e reconhecidos socialmente como tal.

Claval (1999) nos explica essa ligação entre identidade e território, mostrando que "a construção das representações que fazem certas porções do espaço humanizado dos territórios é inseparável da construção das identidades" (p. 16). O autor resalta ainda, que a delimitação desse território levaria esse grupo do que ele chama de 'poluição' que o 'outro' seria portador. No caso dos homossexuais, essa 'poluição' poderia ser expressa através das formas de discriminação que impedem esse sujeito de exercer de forma plena sua identidade.

Os territórios de convivência homossexual se caracterizam pelos símbolos ligados a ele, sendo segundo a concepção de Haesbaert (2007) um território simbólico, sendo ainda esse território um meio materializado de afirmação dessa identidade.

Porém, é importante ressaltar, que já no início do século, na cidade do Rio de Janeiro, era possível se fazer referência a territórios que possuíam ligação identitária com os homossexuais, como mostra a figura 1 abaixo.

FIGURA 1. Referência espacial à identidade homossexual no início do século XX.



FONTE: Ilustração de 'O Malho – 1904',
extraído da obra de GREEN, 2000.

Nessa figura é possível perceber uma referência clara a um indivíduo homossexual, bem como uma referência à Praça Tiradentes (antigo Largo do Rocio), expresso através da estátua desenhada ao fundo e do trecho do poema, o qual segue na ilustração de título 'Fresca Theoria'. A Praça Tiradentes pode ser considerada um território de convivência homossexual, que existia no Rio de Janeiro no início do século XX, no entanto deve se levar em consideração que a forma de expressão territorial se dava de forma diferente das conhecidas atualmente, devido ao maior preconceito existente na época, pois não permitia que os homossexuais pudessem expor sua identidade por medo de represálias, visto que esse grupo sofria intensa perseguição da sociedade, muitos deles sendo presos, enquadrados em crimes como os de vadiagem, conforme aponta Green (2000), em seu estudo.

Nos dias atuais, em grandes cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo, é comum encontrarmos exemplos de territórios de convivência homossexuais, como o trecho de praia localizado em frente ao Hotel Copacabana Palace, apelidado atualmente de 'rainbow' fazendo referência ao quiosque de mesmo nome que serve de ponto de encontro para homossexuais, principalmente em dias festivos como reveillon. Esse ponto da praia era antigamente apelidado de 'bolsa de valores', pois os indivíduos iriam a esse local para se expor, devido à

quantidade de turistas de alto poder aquisitivo que se hospedavam no hotel.

Outro importante e conhecido local de convivência homossexual que existe no Rio de Janeiro é a Rua Farme de Amoedo em Ipanema, com seu respectivo trecho de praia que reúne em sua maioria indivíduos homossexuais, sendo ainda responsável por atrair grande quantidade de turistas homossexuais em épocas festivas como a de carnaval.

Na foto abaixo, temos o trecho de praia localizado em frente à Rua Farme de Amoedo, em Ipanema.

FOTO 1. Trecho de praia em frente à Farme de Amoedo, 2009.



Fonte: Rafael Chaves, 2009.

A foto acima, retrata uma tarde de sábado no trecho de praia localizado em frente à Rua Farme de Amoedo, considerado um território de convivência homossexual. Nesta foto é possível ver sinais da territorialidade expressa, de forma mais evidente, pelas bandeiras do arco-íris – símbolo do movimento homossexual – demarcando o território. Visitando esse local é possível perceber a presença de outras expressões dessa territorialidade, através dos guarda-sóis que carregam logomarcas de boates GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), bem como a expressão dessa identidade também vista, através dos seus frequentadores, pelo modo de se expressarem e de se vestirem, por exemplo.

É possível perceber ainda que existe uma relação de pertencimento em relação ao local, por parte dos frequentadores, onde através de idas a campo usando o método da observação participativa, frequentando e conversando de modo informal, ao longo de quatro anos de frequência, a esse território foi possível perceber que muitos frequentadores se referem ao local como o 'nosso lugar', a 'nossa praia' numa relação de apego com o território ocupado, se tornando um 'lugar', visto que esse assume algumas qualidades de seus habitantes, conforme expressa Park apud Valle (2005) na seguinte passagem:

(...) através dos tempos, todo setor ou quarteirão da cidade assume algo do caráter e das qualidades de seus habitantes ... como efeito disso, o que a princípio era simples expressão geográfica converte-se em uma localidade com sentimentos, tradições e uma história sua (PARK, 1967 apud VALLE, 2005, p. 19).

Na mesma linha, Hall apud Barbosa (2004) faz uma referência ao conceito de lugar, como sendo 'específico, concreto, conhecido, familiar'. O mesmo autor completa dizendo que o lugar "é a expressão de práticas sociais específicas que nos moldaram e com as quais nossas identidades estão estritamente ligadas" (HALL, 1997 apud BARBOSA, 2004, p.159).

Ainda no sentido de explicar essa relação de apego, existente entre os indivíduos de uma determinada identidade com o lugar, temos a visão de Claval, complementar a de Hall no sentido de acrescentar um caráter histórico na construção dessa relação indivíduo – espaço. Como é possível verificar nesse trecho:

A memória se constitui nos 'lugares', nas 'porções da natureza' em que estão enraizados os seus potenciais, dizia Jacques Berque (BERQUE, 1970, p. 478) e a relação tecida entre a história e o espaço fornece uma base aparentemente material à identidade: ela lhe proporciona um território. A ocupação, conduzindo o trabalho da sensibilidade sobre o enraizamento físico, confere aos 'pays', às cidades, aos bairros, uma dimensão simbólica (...), uma qualidade que secreta ao apego (MARTIN, 1994, p. 25-26 apud CLAVAL, 1999, p. 16).

No entanto, é importante ressaltar, que esse território apresenta também contradições. Essas contradições aparecem, pois esse território, ao mesmo tempo que reúne e integra esses indivíduos, os segrega do restante da sociedade. Esses territórios de convivência homossexuais acabam recebendo o estigma do preconceito que esses indivíduos sofrem, onde muitos indivíduos se recusam a permanecer, nesses locais, por medo de serem associados com tal identidade, refletindo o preconceito existente ainda em nossa sociedade.

Reflexões Finais

Ao longo do estudo, procurou-se entender um pouco sobre como se dá a formação de um território a partir de uma determinada identidade, enfocando nesse sentido a escala local, verificando também as estratégias representadas através das territorialidades que, nesse caso são expressas, através do campo simbólico que essa identidade possui, bem como a ocupação efetiva da mesma, nesse determinado espaço.

O grupo escolhido nesse estudo, os homossexuais, nos levou e leva constantemente a refletir sobre alguns temas, bem como sobre nossa sociedade atual, com seus tabus e preconceitos, tentando discutir formas de amenizar esse, que ainda é um problema para muitos indivíduos.

Vemos que esse grupo, além da busca de um campo simbólico que o faça ser reconhecido por seus semelhantes, em muitos casos, procura nos territórios de convivência uma proteção, pelo medo do preconceito, da rejeição, fazendo com que o território definido por essa identidade seja não só um local de convivência, mas também um espaço de fuga, um refúgio, onde o indivíduo poderá exercer sua identidade de

forma plena, sem ser repreendido.

Ao longo dos anos a sociedade sofreu muitas mudanças, a postura e a tolerância com o diferente também mudaram, felizmente para melhor, mas ainda temos muito que avançar. Os territórios, como os abordados nesse trabalho, se tornaram mais abertos, conhecidos. O que antes era definido de forma pejorativa como guetos, locais escondidos, onde normalmente os indivíduos iriam somente à procura de sexo, se tornaram lugares menos escondidos e fechados, se tornando verdadeiros locais de convivência e de confraternização, onde não só homossexuais frequentam, indo cada vez mais simpatizantes em busca de diversão sadia deixando de lado o preconceito. Essa mudança de postura se deve em grande parte a ação das organizações não-governamentais de apoio à causa, bem como do apoio cada vez maior da mídia, atuando no intuito de desmistificar a homossexualidade, levando a causa para dentro das casas, tornando-a familiar e mostrando que não há porque discriminar ou mesmo temer ao diferente, o que vêm encorajando que cada vez mais homossexuais venham mostrar sua realidade, revelando que existem e que precisam ser respeitados, se tornando assim militantes de sua causa.

Portanto, gostaria de com esse trabalho deixar uma reflexão sobre esse tema, refletindo sobre os preconceitos que perpassam a sociedade, revendo posturas, para que, cada vez mais, possamos pensar numa sociedade igualitária onde todas as identidades sejam respeitadas e onde os territórios como os de convivência homossexual não sirvam mais como um abrigo, como esconderijo, mas como um local de convivência pacífica, onde todos circulem sem medo do diferente, e principalmente, que essa diferença seja respeitada também fora desses territórios, não havendo mais exclusões, nem discriminações.

Notas

1 Transgênero ou 'trans': São termos utilizados para reunir, numa só categoria, travestis e transexuais como sujeitos que realizam um trânsito entre um gênero e outro.

2 Gíria utilizada para definir o sujeito que não assume a sua homossexualidade.

3 Texto eletrônico.

4 Idem.

5 Idem.

Referências

- ARAÚJO, Frederico; HAESBAERT, Rogério. **Identidades e Territórios: Questões e Olhares Contemporâneos**. Rio de Janeiro: Editora Access, 2007.
- BARBOSA, Jorge Luiz. Globalização e Espaços da Desigualdade. In: LIMONAD, Ester; HAESBAERT, Rogério; MOREIRA, Ruy (orgs.). **Brasil Século XXI: Por uma nova regionalização? Agentes, Processos e Escalas**. São Paulo: Editora Max Limonad, 2004. p. 153 – 160.
- CLAVAL, Paul. O Território na Transição da Pós Modernidade. **GEOgraphia**, ano I, nº 2, p. 7 – 25, 1999.
- COSTA, Benhur Pinós da; HEIDRICH, Álvaro Luiz. Além da Sociedade – os dramas e os conflitos do espaço social: o exemplo das microterritorializações homoeróticas. In: **IX Colóquio Internacional de Geocrítica**, Porto Alegre, 2007. <<http://www.ub.es/geocrit/9porto/benhur.htm>> Data de acesso: 7 de janeiro de 2010.
- DAMIANI, Amélia. Geografia Política e Novas Territorialidades. In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (orgs.). **Geografia em Perspectiva**. São Paulo. Ed. Contexto, 2002. p. 17 – 26.
- GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. O conceito de região e sua discussão. CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 49-76.
- GREEN, James Naylor. **Além do Carnaval : a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- LIMONAD, Ester. Regionalizar para que? Para quem?. In: LIMONAD, Ester; HAESBAERT, Rogério; MOREIRA, Ruy (orgs.). **Brasil Século XXI: Por uma nova regionalização? Agentes, Processos e Escalas**. São Paulo: Editora Max Limonad, 2004. p. 54 – 66.
- MAFFESOLI, Michel. **A Contemplação do Mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- _____. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. São Paulo: Edusp, 2002.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Hathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2000.
- VALLE, Marisol Rodrigues. **A Província da Ousadia: Representações sociais sobre Ipanema**. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, UFRJ, Rio de Janeiro – RJ.

Recebido em 8 de julho de 2009.

Aceito em 20 de novembro de 2009.